

UMA BOLSA PARA VIAGEM:

UM ESTUDO DE *A BOLSA AMARELA*, DE LYGIA BOJUNGA

Poliane Vieira Nogueira (Doutora em Letras e Linguística pela UFG)

RESUMO

A literatura para adolescentes tem como um de seus principais temas a iniciação juvenil que envolve os estratos físico, emocional e social, concomitantemente, dos seus iniciandos. A descoberta da própria identidade é a chave para alcançar a maturidade necessária para uma vida harmônica na condição de adulto. Este estudo se propõe a pensar como este tema se apresenta em *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, uma das mais reconhecidas escritoras o público infantil e juvenil. A obra, por meio de imagens simbólicas convida o leitor a se conhecer juntamente com a protagonista Raquel, uma menina que entra em conflito consigo mesma e com a família por reprimir suas vontades: ser grande, ser garoto e ser escritora, que ela guarda escondida em uma bolsa amarela. Recorreremos a Bruno Betelheim (2015), Arnold Van Gennep (1977) e Chevalier e Gherbrant (2002), para compreender o universo simbólico do texto, bem como a Vera Tietzmann (2008) no que diz respeito a produção literária infantil e juvenil de Lygia Bojunga.

Palavras-chave: iniciação juvenil; literatura; crianças e adolescentes

ABSTRACT

The literature for teenagers has the juvenile initiation as one of its main themes, which involves the physical, emotional and social stratum, concomitantly, of its initiates. The discovery of one's own identity is the key to achieving the maturity required for a harmonious adult life. This study aims to think how this theme is presented in *A Bolsa Amarela*, by Lygia Bojunga, one of the most recognized writers to the children and youth audience. The work, through symbolic images, invites the reader to get acquainted with the protagonist Raquel, a girl who conflicts with herself and her family for repressing her wishes: to be great, to be a boy and to be a writer, which she keeps hidden in a yellow bag. We will turn to Bruno Bettelheim (2015), Arnold Van Gennep (1977) and Chevalier and Gheerbrant (2002), to understand the symbolic universe of the text, as well as Vera Tietzmann (2008) with regard to Lygia Bojunga's children's literary production.

Keywords: juvenile initiation; literature; children and teenagers.

Quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava. Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeï um dia de alargar a troca: comeceï a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.
(Lygia Bojunga)

Realidade e fantasia mesclam-se com naturalidade nas obras de Lygia Bojunga. A escritora lida tanto com conflitos internos como externos da vida das crianças, abrangendo temas sociais e familiares, como a miséria, o sofrimento infantil, a morte dos pais, o estupro, e também as ressonâncias psicológicas que esses e outros temas provocam na mente infantil. A conflituosa travessia da infância para a juventude destaca-se como um desses temas sempre presentes em suas narrativas, sendo trabalhado também no limite da transição do real para o fantástico.

Um traço característico da produção literária de Lygia Bojunga é sua linguagem aproximar-se ao máximo da língua falada, o que faz com que os jovens leitores se identifiquem com a história narrada. Entretanto isso não leva seus textos a uma excessiva simplificação, pois suas obras são simbólicas. Isso faz com que elas despertem interesse também nos adultos, permitindo, ao mesmo tempo, aos jovens leitores apreenderem o sentido mais profundo da obra, mesmo que de forma inconsciente. Para Bettelheim, a escolha do caminho simbólico é relevante, uma vez que ele defende o simbolismo como uma necessidade da criança para o seu amadurecimento e ressalta que ela

necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior e, com base nisso pode criar ordem na sua vida (BETTELHEIM, 2007, p. 12)

A bolsa amarela, publicada em 1975 e considerada até hoje o carro-chefe da obra de Lygia Bojunga, por meio de imagens simbólicas convida o leitor a se conhecer juntamente

com a protagonista, vivenciando suas experiências e relacionando-as com as que ele próprio sente. A novela narra a história de Raquel, uma menina que entra em conflito consigo mesma e com a família ao reprimir três vontades (de ser grande, ser garoto e ser escritora, vontades essas que aumentam ou encolhem segundo seus sentimentos e que ela esconde numa enorme bolsa amarela. Vivendo uma série de episódios fantásticos, a protagonista consegue resolver seus conflitos, alcançando enfim, sua maturidade.

Como acontece nas obras de Monteiro Lobato, em *A bolsa amarela*, as fronteiras entre o real e o imaginário se diluem. Galos, alfinete de fralda e guarda-chuva falantes vivem em harmonia com a menina Raquel, que reage normalmente a esse fato, reação semelhante à das crianças que habitam o Sítio do Picapau Amarelo, o que leva o leitor a reagir da mesma maneira. Esse tipo de texto em que não se consegue delimitar precisamente o limite entre a realidade e a fantasia, dando lugar assim a uma terceira realidade em que o cotidiano cede espaço a acontecimentos insólitos vividos com naturalidade pelas personagens, Nelly Novaes Coelho (2000) rotula como realismo mágico. O Realismo Mágico de *A bolsa amarela* leva o leitor a mergulhar na fantasia, convivendo e se divertindo com a presença de personagens inusitados, enquanto partilha com Raquel o amadurecimento psicológico que essas aventuras fantasiosas lhe proporcionam.

Um tal compartilhamento de vivências só é possível devido a escolha de Lygia Bojunga pela via simbólica. São essas experiências que auxiliam leitor e protagonista a se desprenderem dos problemas psicológicos do crescimento, como defende Bettelheim:

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superando decepções narcisistas, dilemas edipianos, rivalidades fraternas; tornando-se capaz de abandonar dependências infantis; adquirindo um sentimento de individualidade e de auto-estima e um sentido de educação moral – a criança precisa entender o que está passando dentro do seu eu-consciente para que possa também enfrentar o que se passa em seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele graças à fabricação de devaneios – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos fabulares apropriados em resposta a pressões inconscientes. (BETTELHEIM, 2007, p. 14)

A fantasia é o elemento que capacita a criança a lidar com o conteúdo de si mesma, com sua individualidade. É por meio dela que a protagonista de *A bolsa amarela* busca

trilhar os seus caminhos interiores. Assim, a passagem da infância para a juventude passa a ser menos penosa para personagem e leitor. Vivenciar as emoções da personagem na ficção faz com que o leitor se sinta livre de sofrer em determinadas experiências dolorosas. À medida que Raquel vai conseguindo dominar suas vontades, a criança que está em contato com a narrativa sente-se igualmente capaz de fazê-lo.

“Eu tenho que achar um lugar para esconder minhas vontades.” (BOJUNGA, 1994, p.11), assim inicia *A bolsa amarela*, quando a protagonista Raquel busca um lugar seguro para pôr a salvo suas vontades que insistem em crescer e engordar – vontade de ser garoto, de ser grande e de ser escritora. É significativo que sejam três, nem menos nem mais.

Segundo o *Dicionário de símbolos* (2002) o número três remete a ideia de perfeição, é o número que representa a Trindade Divina. Assim, são três as vontades de Raquel que quebram a calma interior do seu mundo infantil e estabelecem um conflito. A menina é a quarta filha do casal, sendo que os outros três filhos já tinham mais de dez anos quando nasceu, portanto ela chegou para romper com essa ideia de perfeição presente no número três. Consequentemente, leva a uma mudança na organização da casa e, no seu entender, adulto não entende criança.

Assim como ser a única criança da casa fez nascer na menina a vontade de ser grande, o fato de Raquel não aceitar que sejam sempre os meninos que comandem as brincadeiras e os homens sejam os chefes de família fez nascer nela a vontade de ser garoto. A terceira vontade nasceu de uma decisão só sua, sem premências externas: “Um dia fiquei pensando o que ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só para treinar.” (BOJUNGA, 1994, p. 11). Criadas, as vontades expandem-se mais do que esperado, fogem ao controle da menina. Raquel quer se livrar de suas vontades, ou ao menos domesticá-las, entretanto, esse é um processo que exige aprendizado:

Já fiz tudo pra me livrar delas. Adiantou? Humm! É só me distrair um pouco e uma aparece logo. Ontem mesmo eu tava jantando e de repente pensei: puxa vida, falta tanto ano para eu ser grande. Pronto: a vontade de crescer desatou a engordar, tive que sair correndo para ninguém ver. (BOJUNGA, 1994, p.11)

Saber controlar seus impulsos, suas vontades e emoções é um conhecimento que Raquel necessita adquirir para atingir seu amadurecimento. Isso ela vai aprender no decorrer da narrativa por meio de suas experiências de vida, evitando que elas engordem ou cresçam demasiado para que Raquel não perca o controle da situação. Contudo, em uma primeira tentativa de solucionar o problema, Raquel busca uma alternativa infantil, cria um amigo imaginário, a quem chama de André, e passa a escrever-lhe cartas.

Nas cartas, a menina desabafa a causa de seu conflito com sua família, que é a constante reclamação de seus irmãos em relação a seu nascimento: “A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condição de ter filho.” E ela sofre com isso: “Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é?” (BOJUNGA, 1994, p. 13)

É comum que uma criança que conviva apenas com adultos crie amigos imaginários para brincar e também que se sinta “sobrando”. Inventar um amigo é a tentativa de resolver conflitos (ou aprender a lidar com eles) valendo-se de um duplo de si mesma. À medida que vai adquirindo segurança e aprendendo a lidar com suas carências afetivas, essa figura imaginária tende a desaparecer. Raquel tenta dar um passo rumo ao amadurecimento buscando ser autônoma para resolver seus problemas, sem buscar o colo materno, mas não é fácil desvencilhar-se de seu pensamento infantil, por isso apela para uma solução própria do imaginário infantil.

Como toda criança, Raquel gostava de inventar histórias e as inventava colocando pessoas que conhecia, fato que transformava suas narrativas em mentidas aos olhos dos adultos que ficavam furiosos. Em resposta a uma das cartas que a menina tinha escrito sobre o assunto, André aconselhou-a ao seguinte:

Daqui pra frente você só inventa inventando, tá compreendendo como é que é? Se você inventa uma história com gente que não existe, aposto que ninguém liga. Teu pessoal só fica chateado porque no meio da invenção você bota o namorado da tua irmã no meio, ou então, o gato da vizinha, ou então a tia Brunilda, ou não sei quem mais. Mas se você inventa um caso com gente inventada, com casa inventada, com bicho inventado, aposto que não te dão mais cascudo. (BOJUNGA, 1994, p. 15)

Essa era a proposta de André para acabar com as mentiras de Raquel. Entretanto, seu irmão chegou por trás e leu a carta, quis saber quem era o André, mas não acreditou na resposta da menina, quando ela garantiu tratar-se de um amigo imaginário. Além de pensar que Raquel estava mentindo e que André era seu namorado, seu irmão desconsiderou o desejo de ser garoto confessado pela personagem. Raquel, então, vê confirmada uma suspeita que tinha: realmente adulto não entende nada de criança. Nunca mais voltou a escrever a seu amigo.

Raquel tem inveja de seu irmão por ele ser garoto e adulto e se ressentido de ele tê-la ignorado justo no momento em que ela necessitava de apoio, ao desabafar seus sentimentos. Quanto a isso, Bettelheim destaca:

Aquilo de que uma criança mais necessita, quando dominada pelo ciúme de seu irmão, é a permissão para reconhecer que aquilo que sente se justifica pela situação em que se encontra. Para suportar as dores de sua inveja, a criança necessita ser encorajada a se dedicar a fantasias em que leva a melhor algum dia; assim, será capaz de se sair bem de momento, graças a convicção de que o futuro ajeitará as coisas. Mais do que tudo, ela deseja apoio para a sua crença ainda muito tênue de que, crescendo, trabalhando duro e amadurecendo, um dia será vitoriosa. (BETTELHEIM, 2007, p. 76)

O sentimento de inveja pelo irmão é normal. O conflito da menina se dá a partir do momento em que não encontra apoio de ninguém para ajudá-la a lidar com estes sentimentos. Ninguém foi capaz de perceber o quanto escrever poderia auxiliá-la nisso, uma vez que a fantasia é para a criança uma grande colaboradora em seu crescimento interior.

Passado um tempo, Raquel não resistiu e criou uma amiga chamada Lorelai, para quem escreveu cartas contando a briga de seus pais e o desejo de retornar a fazenda onde viviam quando era pequena. Em uma arrumação, sua irmã descobriu a carta, o que causou uma nova confusão, visto que Lorelai aconselhava a menina a fugir de casa. Raquel tentou explicar de todas as formas que a menina não existia, mas ninguém acreditou e ela decidiu escrever um romance, o que, para ela, é a coisa mais inventada do mundo.

Escreveu a história de um galo que fugiu do galinheiro, mas sua irmã entregou sua história para toda a família e para os vizinhos que acharam graça. Após esse episódio,

Raquel decide que só vai escrever quando crescer, não queria ver mais ninguém rindo dela. reprimida, sua vontade de escrever começou a engordar, como suas duas outras vontades:

Se o pessoal vê minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério. Eu tenho que achar depressa um lugar para esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente rindo de mim (BOJUNGA, 1994, p. 21)

A primeira tentativa de Raquel de domar seus sentimentos tinha sido frustrada, aumentando o conflito com seus irmãos. Contudo, a chegada de uma bolsa amarela, grande e desbotada, que ninguém quis será o fator que irá proporcionar à menina os meios de empreender sua viagem iniciática, direcionando-a ao encontro de sua identidade.

Raquel ganha a bolsa amarela, única peça que sobrou do pacote de roupas e acessórios que a tia Brunilda enviara para sua casa. É nela que as vontades de Raquel passam a ficar escondidas. Ressaltamos que essa bolsa tem uma conotação uterina, por sua elasticidade, que permite que ela aumente ou diminua de tamanho. Dentro dela, as vontades de Raquel crescem seguras até o momento de sua libertação. A bolsa funciona também como superego da personagem, visto que abriga todas as suas angústias e desejos reprimidos. Um elemento simbólico ainda a destacar é a cor da bolsa, de valor positivo, pois é uma peculiaridade da obra de Lygia Bojunga o amarelo indicar vida e esperança.

No processo de iniciação sempre ocorre um período de solidão, afastamento ou enclausuramento, muitas vezes ocorrendo em um ambiente assustador, escuro e fechado, como grutas, matas, porões, castelos. É a “descida aos infernos”, a morte simulada que antecede a renovação, “quando o indivíduo é considerado morto, em seguida ressuscitado, sendo-lhe ensinado então a viver de modo diferente da existência infantil” (GENNEP, 1977, p. 77). Na história de Lygia Bojunga, esse local onde se processam as transformações internas é a bolsa amarela. Pode-se mesmo dizer que Raquel é a bolsa amarela.

A simulação da morte consiste em um período de tempo em que o iniciado costuma ser afastado do grupo familiar para aprender o que é necessário para a nova fase da sua vida. Quando Raquel ganha a bolsa amarela, tem início seu aprendizado, e é ela mesma quem cria seu guia no processo iniciático, o galo Afonso, personagem inventado que ela esconde

dentro da bolsa. Ele protege suas vontades até que sejam libertadas ao final, como um parto marcando o seu amadurecimento. O renascimento de Raquel vai se dar no momento em que a menina encontra sua identidade, concretizando sua iniciação.

Afonso, o galo criado por ela em seu romance, conta a sua história, episódio que faz uma clara alusão à época da ditadura, mas que também tem conotações iniciáticas, ainda que irônicas pela alusão ao regime militar no Brasil. Ele conta que foi preso num quartinho escuro (comum em prisões das ditaduras) para aprender a não ser tão diferente. A ironia está em o renascimento após o confinamento não ser para a emancipação, como nas verdadeiras iniciações, mas para a obediência ao regime.

A partir da sua entrada na bolsa amarela, Afonso não abandona mais a protagonista enquanto sua iniciação não estiver concluída, ele vai guiá-la e suas experiências a fim de que ela encontre sua identidade e resolva seus conflitos interiores, o que inclui saber controlar suas vontades.

Outros personagens juntam-se ao galo dentro da bolsa: um alfinete de fralda enferrujado (é ele quem livra a personagem de uma situação embaraçosa na casa da tia Brunilda); um guarda-chuva emperrado, que não abria e fechava direito (que insiste em ser feminina, *a* guarda-chuva); o galo de briga Terrível, primo de Afonso. Esse galo diz que teve seu pensamento costurado para que pensasse somente em ganhar brigas de outros galos. Aqui, Lygia Bojunga faz novamente uma alusão à ditadura militar, entretanto, agora referindo-se à tortura. Na tentativa de evitar que Terrível lutasse com um galo mais forte que ele, Afonso e Raquel o trancafiaram na bolsa amarela.

O convívio com os dois galos de índoles diferentes faz com que a menina comece a pensar no outro de uma maneira positiva. Em estudo sobre a origem arquetipal das narrativas, Vera Tietzmann Silva (2008, p. 60) ressalta que

se, por um lado, a oposição “eu\outro” envolve a *rivalidade e disputas* com vistas a eliminar o intruso representado pelo outro, essa mesma oposição pode igualmente comportar um movimento oposto, o *desejo de agregação* ao outro. Esse movimento contrário é mais visível quando o outro não pertence à esfera familiar e quando o ódio é substituído por sentimentos opostos, a amizade e o amor. (SILVA, 2008, p. 60 – *grifo nosso*)

As rivalidades e disputas marcam a relação de Raquel com o irmão mais velho, o que lhe desperta a vontade de ser garoto; o desejo de agregação ao outro assinala sua relação com os galos, o que estimula a menina a pensar de uma maneira positiva do outro, levando-a a auxiliar Terrível e evitar sua morte. Essa atitude de voltar-se para as necessidades do outro conduz Raquel para o seu crescimento interior.

Brunilda, a tia mais rica de Raquel a quem todos bajulavam, promove um almoço de família. À medida que a menina se arruma para esse almoço, percebemos que o seu corpo já anuncia a chegada da puberdade e que seu ânimo também já apresenta os altos e baixos próprios dessa fase:

Quando fui me olhar no espelho dei de cara com uma espinha. Bem na ponta do nariz. Espremi, começou a sair uma aguinha lá de dentro, vi que tinha feito uma besteira (BOJUNGA, 1994, p.62).

Já estava quase pronta para sair. Tinha baixado a bainha da calça, passei ela a ferro, passei uma tinta que a minha irmã pinta o olho e pintei uma flor na minha blusa para ver se tapava a mancha antiga [...] (BOJUNGA, 1994, p. 62).

Botei aquele vestido xadrez que eu acho o fim; o meu nariz estava o fim; saí de casa achando a minha vida o fim (BOJUNGA, 1994, p. 63).

A chegada das espinhas, o fato de Raquel baixar a bainha da calça, de ser capaz de passar a ferro a própria roupa, a preocupação com a mancha no vestido e o fato de se sentir tão feia pelo vestido que estava usando e por suas espinhas são sinais claros de que a adolescência está chegando, a personagem está no limite entre a infância e a juventude. Entretanto, para que o rito de iniciação seja concluído é necessário que a personagem saiba lidar com seus conflitos familiares e internos.

Contudo, no almoço da Tia Brunilda, Raquel demonstra justamente o contrário. Age como uma criança que não consegue controlar os seus impulsos, deixando que suas vontades cresçam tanto a ponto de todos perceberem que ela guardava algo estranho na bolsa. A provocação do seu primo Alberto tentado tomar a bolsa da menina e a maneira como todos reagiram de fato, achando engraçada a atitude do garoto e insistindo para que

ela mostrasse o que tinha guardado na bolsa fez com que suas vontades de ser garoto e de ser grande engordassem muito:

O pessoal continuava rindo. Puxa vida, porque é que não tinha nascido Alberto em vez de Raquel? Pronto! Mal acabei de pensar aquilo e a vontade de ter nascido garoto deu uma engordada tão grande que acordou o Terrível, empurrou o Afonso, sei lá o que aconteceu direito, só sei que a bolsa disparou a dar pinote no chão. (...) E de repente todo mundo tava lutando para abrir minha bolsa. Minha. Minha! E eu ali sem poder fazer nada. Ah, se eu fosse gente grande! Quem é que ia abrir minha bolsa assim à força se eu fosse gente grande? Quem? E aí a minha vontade de ser grande desatou também a engordar. E quanto mais eu ficava grudada no chão se poder fazer nada, mais as minhas vontades iam engordando, e a bolsa crescendo, crescendo, já nem pulava mais, só crescia, crescia, crescia (BOJUNGA, 1994, p. 69)

Raquel falou tudo que pensava sobre a Tia Brunilda e sobre a relação dos pais e irmãos com a tia rica. Isso deixou todos mais nervosos com a menina, o alfinete de fraldas que vivia no bolso bebê da bolsa amarela, solucionou o problema furando as vontades da protagonista e fazendo assim com que elas emagrecessem. Afonso saiu da bolsa agradecendo a atenção de todos e explicando que era um galo mágico, na tentativa de amenizar o problema que Raquel poderia ter.

O texto de Lygia Bojunga não menciona nenhum castigo ou reprimenda pelo ocorrido. Isso talvez se deva ao fato de ser a própria Raquel quem narra a história, para ela seus conflitos interiores são mais importantes que os exteriores, por isso são eles que merecem ênfase na narrativa. Ressaltamos que apesar de o corpo de Raquel já ter despertado para a nova fase de sua vida, psicologicamente a menina ainda não sabe como agir em situações conflituosas, pois não consegue controlar seus impulsos.

Durante a noite, Terrível foge para a briga de galos e a guarda-chuva acompanha-o, tentando dissuadi-lo da ideia de lutar, mas sua tentativa é inútil. Ao perceberem a fuga, Raquel e Afonso vão atrás deles na Praia da Pedra, mas ao chegarem lá só viram as marcas de briga na areia. A guarda-chuva conta que o galo perdeu a briga e que o levaram embora para que ninguém percebesse que ali houvera uma rinha, já que é um crime.

Inconformada com a notícia, a vontade de escrever engordou bastante, e o jeito foi Raquel dar vazão a seu desejo. Ela busca na imaginação uma forma de explicar o ocorrido

com Terrível, porém descartando a possibilidade de sua morte. Assim, passa a acreditar que a guarda-chuva não viu direito o momento da briga e escreveu a sua história, que começava pela infância do galo, quando tinha boa índole e até se apaixonou. Isso acabou quando ele teve seu pensamento costurado para fazer apenas o que os donos queriam, ou seja, brigar. Ao fugir da bolsa amarela, onde Afonso e Raquel o haviam prendido, vai brigar. No meio da briga, a Linha Forte rebentou e ele começou a pensar tudo novamente e, percebendo que era um erro morrer ali brigando, fugiu para o mar, onde foi pescado e levado para um lugar bem distante e sossegado: “Quem viu na praia as duas penas que o Terrível perdeu, pensou até que ele tinha morrido. Bobagem. Ele agora tá curtindo a vida no tal lugar bem longe” (BOJUNGA, 1994, p. 89)

Sendo o mar símbolo de renascimento, a fuga de Terrível para o mar marca o início de uma nova vida para o galo. Contudo, o Dicionário de Símbolos (2002, p. 592) alerta para o fato de que “o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e da morte”, estabelece-se assim uma ambiguidade entre a narração de uma guarda-chuva e a história de Raquel. O leitor passa a ter a esperança de vida para o galo, ou não, ele pode eleger qual a versão em que prefere acreditar. Raquel busca na fantasia uma explicação para o sumiço de Terrível, atitude própria do mundo infantil, que mascara os acontecimentos dolorosos, como a morte, por meio de histórias fantásticas que afastam a criança da realidade para que ela consiga suportar o sofrimento.

O capítulo 9, intitulado “Comecei a pensar diferente”, marca o início das mudanças no comportamento de Raquel, a menina começa a amadurecer. Sua primeira lição está no início do capítulo quando, ao terminar de escrever a história de Terrível, aprende a controlar uma de suas vontades, a de ser escritora. Ela descobre que a solução para esse problema não é sair escrevendo de tudo e de todos, mas, sempre que quiser escrever, deve fazer isso externando seus sentimentos sem se preocupar com a opinião dos outros:

Enquanto eu escrevia a “História de um galo de briga e um carretel de Linha Forte”, a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio! Acabei até mudando de ideia: resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e ponto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela (BOJUNGA, 1994, p. 93)

Aprender a expressar suas emoções e vontades é um sinal de que a menina está crescendo interiormente. Porém, seu aprendizado maior se dá com sua visita à Casa dos Consertos, onde, ao levar a guarda-chuva para ser consertada, Raquel se depara com um novo modelo de organização familiar que desconhecia.

A Casa dos Consertos estava dividida em quatro partes e possuía quatro moradores (uma menina, um homem, uma mulher e um velho). Considerando o número quatro como totalizador, símbolo de plenitude, reconhecemos nessa família que abriga gerações de gêneros diferentes (são dois homens e duas mulheres) a marca de “um princípio de organização e, de certa maneira uma força” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 760). Essa força está ligada à capacidade de organizar-se mantendo os princípios da democracia, da liberdade e do respeito mútuo, em sintonia com os valores simbólicos atribuídos ao número quatro:

O espaço se divide em quatro artes; o tempo é medido em quatro unidades: o dia, a noite, a lua e o ano; [...] a vida humana se divide em quatro colinas: a infância, a juventude, a maturidade e a velhice; quatro virtudes fundamentais no homem: a coragem, a tolerância, a generosidade e a fidelidade; na mulher: a habilidade, a hospitalidade, a lealdade e a fecundidade etc. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 760).

Como destacam os dicionaristas, o universo é organizado com base no número quatro. Também a família de Lorelai é estruturada com base neste número, sendo quatro os moradores da casa e quatro as atividades que são divididas e revezadas entre eles. Observando essa família, Raquel aprende que se pode viver em harmonia sem que um homem seja chefe da casa e tome todas as decisões por todos. O respeito mútuo entre os membros da família é que garantirá uma boa relação.

Raquel começa a reconsiderar sua vontade de ser garoto ao reconhecer a importância feminina na família e na sociedade e ao perceber que a mulher tem direito a voz e a liberdade de escolha, mas estes são direitos que devem ser constantemente conquistados por ela, se quiser garantir seu espaço. As mulheres devem se unir e não aceitar que existam os

chamados “chefes de família”. Como o galo Afonso recusara o papel de “tomador de conta das galinhas”, tampouco Raquel aceita essa relação de submissão à figura masculina.

A menina fica o dia inteiro na Casa dos Consertos e é castigada por sua mãe por ter saído sem pedir autorização, mas dessa vez ela não fica chateada, pois reconhece que seu aprendizado foi maior. Raquel perde o sono refletindo sobre essa experiência, perdendo assim o medo que lhe assombrava a infância, outro sinal de que está amadurecendo. A vitória sobre esse sentimento infantil pode ser comprovada na seguinte passagem: “Antes me dava uma aflição danada quando o pessoal todo dormia e só ficava eu acordada. Para me distrair do escuro eu ficava fazendo de conta que eu não era mais eu [...] Mas isso era antes” (BOJUNGA, 1994, p. 102).

Raquel consegue controlar não só o seu medo, mas sua vontade de crescer e ser garoto, já que começa a perceber que ser menina pode ser muito bom e que ser ela mesma é melhor que ser garoto. A jovem encontra sua identidade à medida que começa a se conhecer e se aceitar como é, passando a viver em harmonia consigo mesma e com os que estão à sua volta. Ela avalia: “Puxa vida, como a mãe de Lorelai curtia ser mulher; e como Lorelai curtia ser menina. Ela acha que ser menina era tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo?” (BOJUNGA, 1994, p. 103).

Afonso ensina outra lição a Raquel, ensina que é importante lutarmos por nossas ideias. Por isso ele decide percorrer o mundo lutando para que ninguém mais tenha o pensamento costurado com o galo Terrível. Raquel aprende a aceitar suas vontades e a controlar seus impulsos, resolvendo seus conflitos íntimos e familiares ao aceitar que as pessoas (principalmente seus pais e irmãos) são diferentes e que as coisas que não nos satisfazem em nossa vida podem ser modificadas por nós mesmos

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que minhas vontades deram para emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir. (BOJUNGA, 1994, p.109)

O emagrecimento das vontades de Raquel é sinal de que chegou a hora de libertar estes desejos reprimidos, e ela resolve soltá-los como uma pipa, no vento. A protagonista

compra papel vermelho e amarelo para a confecção de rabos para as pipas, confeccionadas com as suas vontades e que, agora, de tão magrinhas até parecem de papel.

A cor vermelha dessa pipa marca a libertação de sua ingenuidade e impulsividade, já que essa cor sugere a chegada da primeira menstruação, marca do início da puberdade feminina. O amarelo, conforme foi dito, tem a conotação de vida e esperança em toda obra de Lygia Bojunga, por isso representa aqui o renascimento de Raquel para a nova fase de sua vida. Para Silva (2008), ainda neste último capítulo de *A bolsa amarela*, um momento forte de conotação sexual é o prazeroso e simbólico vôo da sombrinha e do galo Afonso.

Na cena mais encantadora da narrativa, Raquel se liberta de suas vontades mais incômodas, a vontade de ser grande e a de ser menino. Como em um parto, a bolsa (que se assemelha a um útero) libera essas duas vontades, transformadas em pipas, que voam pelo céu afora:

Os rabos ficaram um barato. Vermelho e amarelo. Peguei a vontade de ser garoto; o Afonso pegou a vontade de ser grande, e a gente ficou vendo de onde é que vinha o vento. Quando eu berrei “já!” Nós dois saímos correndo pras pipas pegarem o vento. Lá se foram as duas com o rabo sacudindo. Puxa vida, como eu curti soltar aquela pipa! [...] Toca a dar linha, toca a dar linha, minhas vontades já estavam tão longe! A gente ficou olhando para elas! Nem viu a linha chegar no fim e ir embora também. O vento soprou mais forte. As pipas abanaram o rabo e sumiram atrás das nuvens. Ficamos esperando um tempão. Mas elas não apareceram mais. (BOJUNGA, 1994, p. 113-114)

A iniciação de Raquel está concluída. O rito que marcou sua travessia da infância para a juventude por meio da libertação de seus desejos reprimidos se deu de forma simbólica e sem dores para a menina, como ressalta Silva (2008, p. 144): “despojar-se, assim, definitivamente de suas vontades constitui aquela mutilação ritual e simbólica que faz parte do processo de iniciação. Como o corte do cordão umbilical, esta é uma mutilação necessária e indolor”.

Raquel despede-se das vontades que lhe causavam conflito, restando apenas a sua vontade de ser escritora, e esta já não pesava tanto, pois agora escrevia sempre que desejava, numa atitude de libertação de seus desejos reprimidos.

O alfinete de fraldas também permaneceu na bolsa amarela, Raquel reconheceu que em sua vida poderia acontecer que outras vontades engordassem e ela talvez tornasse a precisar dele para estourá-las. O importante é que a menina guarda a certeza de que nestas situações saberá controlar seus desejos e impulsos antes que eles sejam demasiados pesados para carregar. Esse alfinete – um alfinete de fraldas – é também parte de sua infância que a protagonista guardará de lembrança.

– Deixa eu ficar? Já tô tão habituado a morar na bolsa amarela. Eu não peso nada... e é bom andar sempre comigo: de repente você tem outra vontade que começa a crescer demais e eu, pim! Dou uma espetada nela. Deixa eu ficar?
– Deixo.
(BOJUNGA, 1994, p. 115)

A partir do momento em que o processo de iniciação está concluído, a missão do guia também termina. Assim, o galo Afonso, que conduziu a menina durante todo o rito de passagem, decide partir: “chegou a hora da gente sair pelo mundo lutando pela minha ideia, chegou a hora de comear a vida de para-quedas! (BOJUNGA, 1994, p. 110). Afonso e a guarda-chuva partem voando como as pipas e desaparecem no céu. Raquel despede-se de ambos emocionada e pensativa “tanta coisa estava sumindo no ar que eu nem sei o que é que eu pensei” (BOJUNGA, 1994, p. 114).

Significativo também é o mergulho de Raquel no mar – “entrei no mar de uniforme, sapato, bolsa amarela. Furei uma onda, mergulhei fundo...” (BOJUNGA, 1994, p. 112). Esse banho de mar simboliza o exato momento de seu renascimento, é das águas que ela ressurgiu, como é próprio dos ritos de iniciação. O banho de mar e o banho de chuva que começa a cair representam a purificação da personagem por meio do autoconhecimento e representa também a fertilidade que marca a afloração da sexualidade. Numa leitura simbólica, “mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2002, p. 15).

Com as energias renovadas, Raquel volta para casa, mas não é a mesma menina, o autoconhecimento e a autoconfiança fazem dela uma jovem mais amadurecida. Seus fardos,

seus desejos já não são tão pesados “a bolsa amarela tava vazia a beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve” (BOJUNGA, 1994, p. 115). Raquel está pronta para cumprir seu papel feminino, na sociedade, lutando por suas ideias para que os “chefes de família”, ou quaisquer outras pessoas autoritárias, não comandem sua vida como os garotos de sua infância comandavam todas as brincadeiras.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**, Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, Vozes, 1977.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cênone Editorial, 2008.